

JUVENTUDE: IDENTIDADE E SEXUALIDADE APÓS A REVOLUÇÃO CULTURAL E SEXUAL NOS ANOS 60 DO SÉCULO XX.

Francisca Kelly Gomes CRISTOVAM*

Silêde Leila Oliveira CAVALCANTI**

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma discussão a respeito das resignificações das identidades e sexualidade na juventude após 1960, onde a Revolução Cultural e Sexual trouxe novas configurações amorosas e afetivas, surgindo novas sensibilidades no universo dos jovens e das famílias. Com isso foram caracterizados novos modelos familiares, verificando-se possibilidades e diversidades nos relacionamentos. Neste trabalho, ainda em fase de pesquisa, temos entre vários autores utilizados na bibliografia, Elisabeth Roudinesco que apresenta e analisa os novos modelos familiares na atualidade; Maria Isabel Mendes de Almeida que trata das culturas jovens na contemporaneidade; e Alex Branco Fraga que investiga o comportamento adolescente. Pretendemos assim, uma pesquisa de campo entre os jovens da cidade de Campina Grande-PB, de 1998 a 2008, para observarmos como estes estão se comportando e vivenciando na atualidade as novas identidades juvenis.

Com a revolução cultural e sexual a partir dos anos 60 do século XX, a sociedade foi impulsionada por novas configurações afetivas e sexuais. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo discutir o tema da juventude e identidades sexuais, a partir deste marco sócio-cultural citado – a revolução cultural e sexual. Onde buscamos refletir sobre as novas sensibilidades no universo dos jovens, como estes estão elaborando e construindo as novas identidades juvenis e sexuais.

Este artigo faz parte de uma pesquisa que se encontra em fase de pesquisa, sendo o primeiro passo um estudo bibliográfico de textos dos autores como Alex Branco Fraga que investiga comportamento adolescente, Maria Isabel Mendes de Almeida que analisa as culturas jovens na contemporaneidade, e Elisabeth Roudinesco que trata das novas configurações familiares. O passo seguinte esta sendo a pesquisa de campo, onde buscamos analisar o comportamento dos jovens em Campina Grande-PB, de 1998 a 2008, em blocos de carnavais fora de época – Micarande - em Campina Grande. Vale

*Graduanda do curso de História pela Universidade Federal de Campina Grande –PB

** Professora Mestra do curso de História da Universidade Federal de Campina Grande –PB

esclarecer que a pesquisa esta no início e acontece exclusivamente nos seguintes blocos - Spazzio e Coco (agora cerveja e coco).

O mesmo é desenvolvido a partir de intenções do projeto “Pedagogia Multicultural: em cena os (des)encontros intergeracionais na família e na escola”, que vem sendo desenvolvido com o objetivo de pesquisar o envelhecimento humano e as relações intergeracionais no cenário das famílias, assim torna-se necessário estudar a juventude para investigar qual a relação que estabelecem com os idosos e como a mesma estar construindo suas identidades. O projeto estar inserido no PAIR – “Programa de Ações Intergeracionais em Rede”, que consiste num programa de ações extensionistas e de pesquisa interdisciplinar envolvendo quatro projetos, sendo um destes o já citado, e os outros são: Alfabetização de Adultos e Idosos; Atenção à saúde em grupos de Terceira Idade; Universidade e Questões Geracionais.

Sendo assim, iremos nos deter a tratar exclusivamente da juventude e algumas das suas modificações referentes às condutas afetivas e sexuais a partir dos anos 60. Ou seja, a maneira de comporta-se dos jovens, na qual se tem modificado no decorrer das últimas décadas e percebe que, na contemporaneidade verificou-se ter acelerado o jeito de ser das famílias. Nesse sentido, Elizabeth Roudinesco discute no livro “A Família em Desordem”, as novas configurações familiares na sociedade.

Segundo Roudinesco, a família ficou durante anos, tendo sua base um homem, uma mulher e seus filhos, ou seja, pela aliança do homem e da mulher e pela filiação dos filhos. Mas hoje, existem novos modelos familiares, tais como a mãe e os filhos, o pai e os filhos e também homossexuais estão constituindo famílias. Assim como a família adquiriu novos modelos familiares, a juventude também conquistou novas configurações e hábitos na qual a cada dia se apresenta mais desprovida de identidades, estas momentâneas e passageiras.

Não obstante, o modelo familiar foi deixando de ser patriarcal – o pai como centro, o que detém o poder sobre a mulher e os filhos -, passando a receber novas configurações nas quais estas provocaram uma reviravolta nos costumes e valores construídos cultural e socialmente. Pois esse modelo de família tradicional na qual servia, acima de qualquer valor, o de garantir o patrimônio, a fim de que este não fosse dividido, sendo a cultura que prevalecia era, principalmente, a de somar riquezas e não dividir bens. Nessa fase de família tradicional, o poder era patriarcal, “numa primeira

fase, a família dita 'tradicional' serve acima de tudo para assegurar a transmissão de um patrimônio." (ROUDINESCO, 2003: 19).

Assim, a família começa a entrar em crise com esse modelo, passando a admitir a afetividade e reciprocidade de sentimentos entre os membros a serem unidos e também valorizando nesse momento, a divisão do trabalho entre os esposos. Esta fase da família é considerada moderna e sobre isso a autora diz "numa segunda fase, a família dita 'moderna' torna-se o receptáculo de uma lógica afetiva cujo modelo se impõe entre o final do século XVIII e meados do XX." (ROUDINESCO, 2003: 19).

Entretanto, é a partir dos anos de 1960 que surge a família intitulada de contemporânea e pós-moderna, na qual os cônjuges já procuram no casamento entre tantos objetivos, especialmente as relações íntimas, e também uma vida de parceria entre os membros a serem unidos. Nessa nova fase, prevalece o poder dos dois e não apenas o do homem e, caso não estejam satisfeitos no casamento, se divorciam e/ou separam-se, e quando possível reconstróem uma nova família. Ou mesmo constroem vínculos afetivos e sexuais sem necessariamente serem casados ou terem pretensões a unir-se, seja perante as leis da igreja, seja diante da justiça. Essa inversão e quebra de costumes e valores, aconteceu principalmente no Ocidente, sendo um costume que promete ser seguido por muitos, desde o advento da modernidade. Mas há um fato contraditório, a instituição da família ao mesmo que é dessacralizada, é também considerada a mais confiável e sólida da sociedade atual, sobre isso ROUDINESCO (2003: 21) afirma, "a família de outrora, triunfal ou melancólica, sucedeu a família mutilada de hoje, feita de feridas íntimas, de violências silenciosas, de lembranças recalçadas...".

Assim, são nas alterações ocorridas dentro da família que faz também na juventude mudanças na sua maneira de ser e comportar-se, seja dentro da família ou perante a sociedade. Esta juventude vai, aos poucos, adquirindo novos hábitos, e estes vão provocando uma distância entre os costumes e valores conquistados ao longo dos anos, mas isso não significa dizer que se teve uma perda, necessariamente foi para pior. Pois hoje, se observa uma maior liberdade de escolha e expressão em todas as áreas da vida. Contudo, o que acontece é que muitos não dão valor a tal liberdade conseguida no decorrer dos anos e faz mal uso de sua liberdade, chegando a prejudicar a si próprio e até, em alguns casos outras pessoas.

Nesse sentido, percebemos na contemporaneidade que a sociedade presencia uma inversão de valores e costumes, ou seja, a quebra do modelo tradicional das famílias. Com isto os valores internos são substituídos pela aparência externa, onde nos últimos anos, principalmente nos dias de hoje incide bastante na vida das pessoas, especialmente da juventude, uma busca excessiva do corpo perfeito, ou seja, ideal, tornando o corpo um cartão de visita a dizer quem é a pessoa. Este corpo deve ser malhado, sarado, pronto para exibir curvas bonitas, etc.

Dentro desse discurso tem forte poder a indústria de cosméticos, que a cada dia coloca no mercado produtos novos com a finalidade de deixar as pessoas mais bonitas e jovens. Esta usa da publicidade diariamente para conseguir mais clientes e adeptos no consumo de produtos descobertos frequentemente na procura de viver a eterna juventude, ou seja, pessoas utilizam produtos cosméticos para retardar o envelhecimento. Um outro fator muito presente na sociedade contemporânea é o grande número de cirurgias plásticas, na qual cada vez mais os jovens estão a procurar esse recurso para deixar o corpo bonito esteticamente. Pois, um corpo sarado, malhado e bem apresentado facilita a conquista para namoros e paqueras, como também embora não admitam publicamente o mercado de trabalho busca empregar pessoas que se apresentem bem o seu físico. Assim, os projetos de vida ao longo prazo são substituídos na contemporaneidade pelos regimes alimentares, academias de ginásticas, tudo em nome de um corpo idealizado a partir da magreza e juventude.

Contudo, a juventude parece viver frequentemente a era do vazio, do hipermoderno, do hipernarcismo, da hipersexualização como analisa Gilles Lipovetsky (2004), tratando como os sem herança e sem projeto de vida, os sujeitos têm identidades e identificações momentâneas e passageiras, onde se volta ao discurso do moderno e do tradicional, pois busca e deseja viver o novo, mas tem muito medo do novo que surge a todo instante. Portanto, o autor coloca que a sociedade é marcada pela ambivalência, pois vive em um jogo de vaivém constante com seus valores e costumes, ou seja, procura se desfazer destes mais ao mesmo tempo convive às escondidas da sociedade, pois os indivíduos rompem com a sociedade disciplinar, mas não convivem bem com a mesma.

Assim, percebemos que as pessoas vivem o vazio da modernidade, numa busca por novidades e insatisfação com a vida, pois tudo é consumido numa velocidade assustadora e desta maneira as incertezas fazem parte nos dias na vida das pessoas,

especialmente dos jovens. Isso se torna visível através das identidades frágeis e passageiras elaboradas e reelaboradas cotidianamente. Nesse sentido Carmem Da Poian (2001), afirma:

O estoque identificatório de que sujeito atual dispõe é quase nenhum. Os padrões não são mais marcados, as referências se perderam e a depressão, tomada por muitos como sintoma maior de nosso tempo, tem, sem dúvida, muito a ver com este vazio de identidade e de identificações. Sociedade em que o indivíduo e sua autonomia valem mais do que a comunidade que o abriga e o patrimônio cultural herdado. Sociedade sem herança, indivíduos, órgãos de idéias e de verdades simbólicas que correm simplesmente atrás da sedução das imagens que lhes são propostas de inúmeros modos. Na falta de identificações, tentam arrumar uma identidade que lhes permita viver os instantes, identidades adotadas sem firmeza alguma, pois o mundo de hoje exige vitalidade, mudanças, trocas, descartabilidade.

Assim, podemos refletir acerca dessa identidade momentânea instalada na nossa sociedade, na qual tomam notoriedade as modificações sócio-culturais, a velocidade dos objetos e das pessoas, onde parece tudo ser descartável, inclusive as pessoas que não tem mais tempo de curtir as vivências cotidianas, os momentos prazerosos proporcionados à vida, conseguindo viver apenas o presente de forma intensa e efêmera.

Desta forma, a sexualidade entre a juventude torna-se “desregrada” em comparação ao passado, à iniciação sexual é considerada precoce por muitos pesquisadores, muitas jovens engravidam cedo não sendo muitas vezes assumidas pelos seus parceiros, ficando sobre a responsabilidade dos pais das adolescentes. E até mesmo quando se casam muitos permanecem sobre o teto dos pais, vistos que estudam, não trabalham ou se trabalham ainda não é emprego que lhes possa oferecer um salário para ter uma vida considerada satisfatória. Sobre os jovens de hoje, estes vive o dilema dos medos – medo da violência, do desemprego, do futuro, etc.

Não obstante, percebemos através da leitura no livro “Culturas Jovens: Novos Mapas do Afeto” que tem como organizadora Maria Isabel Mendes de Almeida e Fernanda Eugenio, que os jovens vivem no labirinto da vida que surgem sentidos obrigatórios e contrários, num mundo de novas sensibilidades juvenis, numa sociedade fluida com um futuro de incertezas mais que qualquer em outro período da história. Nesse sentido, José Machado Pais afirma:

“Perante estruturas sociais cada vez mais fluidas, os jovens sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém (...) são esses movimentos oscilatórios e reversíveis que o recurso à metáfora do ioiô ajuda a expressar. Como se os jovens fizessem das suas vidas um céu onde exercitassem a sua capacidade de pássaros migratórios.” (p.8/9)

Portanto são as inconstâncias, constrangimentos e dúvidas que marcam presença na vida dos jovens. Mas estes procuram viver o cotidianamente com projetos de vidas de curto prazo, pois já não conseguem terem projetos a longos prazos, sendo seus projetos de vidas (re)elaborados constantemente.

Um fato interessante entre tantas mudanças é que permanece na contemporaneidade a sexualidade feminina ser ligada a um vínculo afetivo, e entre o masculino ser desvinculado, como afirma Elaine Reis Brandão (2001:61).

A literatura sobre iniciação sexual tem descartado ser recorrente que esta aconteça subordinada a um vínculo afetivo, em conformidade com a hierarquia de gênero que organiza as relações sociais no país. Esse traço não costuma ser assinalado nos estudos que contemplam a iniciação masculina, frequentemente balizada pela desassociação entre sexualidade e sentimento amoroso.

Podemos afirmar assim, que embora muitos avanços tenham sido quebrados pelo universo feminino, ainda permanece por boa parte das mulheres como herança do

passado a idealização do sexo ligado ao amor, diferenciando do universo dos homens, na qual a grande maioria consegue separar uma coisa da outra, o que não significa dizer que muitos deles não amem, apenas conseguem viver/ter algumas relações sem sentimentos amorosos, o que parece difícil à maioria das mulheres. Contudo, também não significa dizer que as mulheres sejam mais felizes hoje em relação aos sentimentos afetivos, as mesmas conseguiram muita liberdade ao longo do tempo, mas parecem estarem mais solidárias nos seus relacionamentos. Pois, como sabemos todo peso tem seu contrapeso, as suas conquistas no mercado de trabalho, estudo, direito a liberdade sexual, etc, tem lhes tirado um pouco de tempo para viver mais os relacionamentos amorosos, porque hoje tem que ser múltiplas na vida, e não apenas dona de casa e esposa como no passado. E além do mais hoje são mais exigentes nos seus relacionamentos.

Outro ponto em relação à sexualidade na juventude corresponde às doenças sexualmente transmissíveis, onde muitas pessoas têm relações sexuais sem terem cuidados preventivos, se a pessoa escolhida tem ou não doenças que podem passar de uma pessoa para outra, e no caso da Aids, essa é uma doença que ainda não foi descoberta a cura (KNAUTH e GONÇALVES, 2006: 92-104). Não obstante, a sociedade presencia um paradoxo que é jamais uma geração foi tão bem informada sobre os métodos anticoncepcionais e a necessidade de proteção contra as doenças sexualmente transmissíveis. Contudo, parece que todas as informações propagadas caíram em ouvidos surdos. Pois, um país onde continuam a existir fortes tabus em relação à sexualidade, e onde a comunicação aberta entre pais e filhos nem sempre é fácil, existindo uma necessidade de generalizar a educação sexual nas escolas.

Atualmente no Brasil a grande parte da informação dos jovens sobre sexo vem da televisão, revistas, filmes ou amigos. Um fato preocupante, que contribui para a propagação de mitos perigosos como o mito de que não se engravida na primeira vez. Já nos EUA, onde a educação sexual existe há mais tempo, verifica-se que os jovens recorrem mais a contraceptivos e, ao contrário do que se esperava, a idade de iniciação sexual nas escolas não promove a promiscuidade dos jovens, pelo contrário ajuda os jovens a serem mais esclarecidos e conscientes dos possíveis resultados dos seus atos, como demonstra o saber psicológico, que diz estar sendo relativizado esse discurso elaborado no passado.

Em contraponto a esses jovens considerados irresponsáveis, eloqüentes socialmente, que fazem sexo e usam drogas com frequência nas noites de baladas, é os jovens tidos como bom-moço e boa-moça estes geralmente freqüentam as Igrejas, na qual participam de movimentos que lhes oferecem uma identidade de como se comportarem na família, na escola, enfim na sociedade, pois é importante para esses jovens serem amparados não só por suas famílias como também pela sociedade, onde são apontados como modelos a serem seguidos por outros jovens na mesma sociedade. Nesse sentido, Alex Branco Fraga (2000:87) afirma:

O bom-mocismo tem acesso aos indivíduos quando estes constroem sem seus próprios corpos a recusa sobre os três grandes eixos que conformam uma identidade demonizada: o sexo promíscuo, o uso de drogas e a violência física desmedida.

Assim, o autor coloca que o bom-mocismo só existe quando os(as) jovens abdicam em suas vidas do que é considerado anormal socialmente, ou seja, o que prejudica o corpo e a mente como o sexo “desregrado”, o uso de drogas e a violência física presente hoje em muitos lugares, principalmente entre os jovens que bebem e saem nas/das baladas promovendo badernas e violências nas ruas e com as pessoas que encontram. Desta forma, esses sujeitos fora da normalidade são vistos como demonizados, perigosos para a sociedade e desviantes das boas condutas. E essas pessoas consideradas desviantes e que promovem a desordem, quando pertencem a uma classe média ou alta podem sair quase sempre impunes dos seus atos errôneos, pois a justiça não pune como deveria, ficando em muitos casos alguns dias marcando presença nas notícias na mídia e depois caem no esquecimento da maioria das pessoas. Assim, deixando a exemplo, parentes e amigos de vítimas - acidentes, mortes com tiros, etc - tristes e revoltados com a justiça que não se faz valer punindo com mais rigor, deixando muitas vezes facilmente livres.

Não obstante, a sexualidade tem assumido lugar de destaque na contemporaneidade, especialmente entre a juventude, uma fase da vida que após a modernidade tem um valor significativo para a sociedade, pois vai além da idade cronológica delimitada. Hoje é um valor a ser vivido, algo que encanta, fascina e “determina” para muitos, serem a melhor fase da vida, aonde as melhores maravilhas a serem vividas pelas pessoas acontecem. Nesse sentido, Fraga (2000:131) diz que “a sexualidade em nosso tempo assumiu o caráter

da verdade mais profunda a respeito de nós mesmos. Ela se tornou segredo mais bem-guardado por qualquer sujeito, um mistério encarcerado no próprio corpo e do qual não se pode escapar”.

Assim, as identidades (re)elaboradas são as mais variadas possíveis, recebendo do discurso médico, do pedagógico, como de toda a sociedade uma atenção especial, pois hoje a sexualidade é considerada questão social e não apenas um tabu vivido no interior das famílias.

Concluimos que a sexualidade se tornou um signo “indecifrável”, fazendo parte do discurso culturalmente elaborado. Contudo, quanto mais os estudiosos descobrem sobre as identidades e sexualidade juvenis elaboradas até o momento, mais se percebe haver espaços para ser estudado. Com isso, os sujeitos masculinos e femininos têm seus lugares feitos e refeitos por meio de discursos que normatizam as diferentes faixas etárias, e também aprendem a todo o momento novas possibilidades para reconhecer as condutas, os prazeres e os desejos de exercer a sexualidade. Constituindo identidades sexuais na contemporaneidade que vive com parceiros(as) do mesmo sexo, ou do sexo oposto, como Roudinesco apresenta as novas configurações familiares, que hoje há uma variação na maneira de constitui-se as famílias. Percebemos que somos menos livres que parecemos e desejamos quando nos colocamos nas nossas falas, pois os preconceitos e a nossa moral se fazem presentes constantemente. Portanto esta pesquisa ainda esta em andamento, especialmente quanto a pesquisa de campo que se encontra no início, não podemos afirmar com mais profundidade as identidades juvenis, apenas colocar que são volátil, mutável, momentânea, passageira, e diferencia-se cada vez mais do passado. No entanto, quando concluirmos a pesquisa de campo vai poder afirmar com mais segurança de como a juventude rompeu e ainda rompe com tradições de seus costumes e valores em relação aos sentimentos afetivos.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, M. I. M. de, EUGENIO, F. (orgs). Culturas jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ARIES, Philippe. Historia social da criança e da família. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

COSTA, Jurandir Freire. O referente da identidade homossexual. In Barbosa, Regina Maria. Sexualidade brasileiras. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

FRAGA, A. B. Corpo, identidade e bom-mocismo – cotidiano e uma adolescência bem-comportada. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

HALL, Stuart. A identidade cultural no pós-modernismo. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HEILBORN, M. L. (org.). Família e sexualidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

LARROSA, Jorge. Tecnologia do eu e Educação. In: SILVA, Tomaz T.da (org). Osujeito da educação: estudos foucaltianos. 2 ed. Petrópolis: vozes, 1994. 35-36.

UPOVETSKY, Gilles & CHARLES, Sebastian – Os tempos hipermodernos, São Paulo: Editora Barcarola, 2004.

ORTEGA, Francisco. Utopias corporais substituindo utopias sócias: identidades somáticas e marcas corporais na cultura contemporânea. Seminário Cultura Jovens e Novas Sensibilidades. Rio de Janeiro: Ucam, agosto, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. O Mal Estar da Pós-Modernidade. Trad. Mauro Gama, Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. (p. 128)

LIPOVETSKY, Gilles. A Era do Vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa. Editora Relógio D'água. 1983. (p. 10-11).